

L  
CONTOS

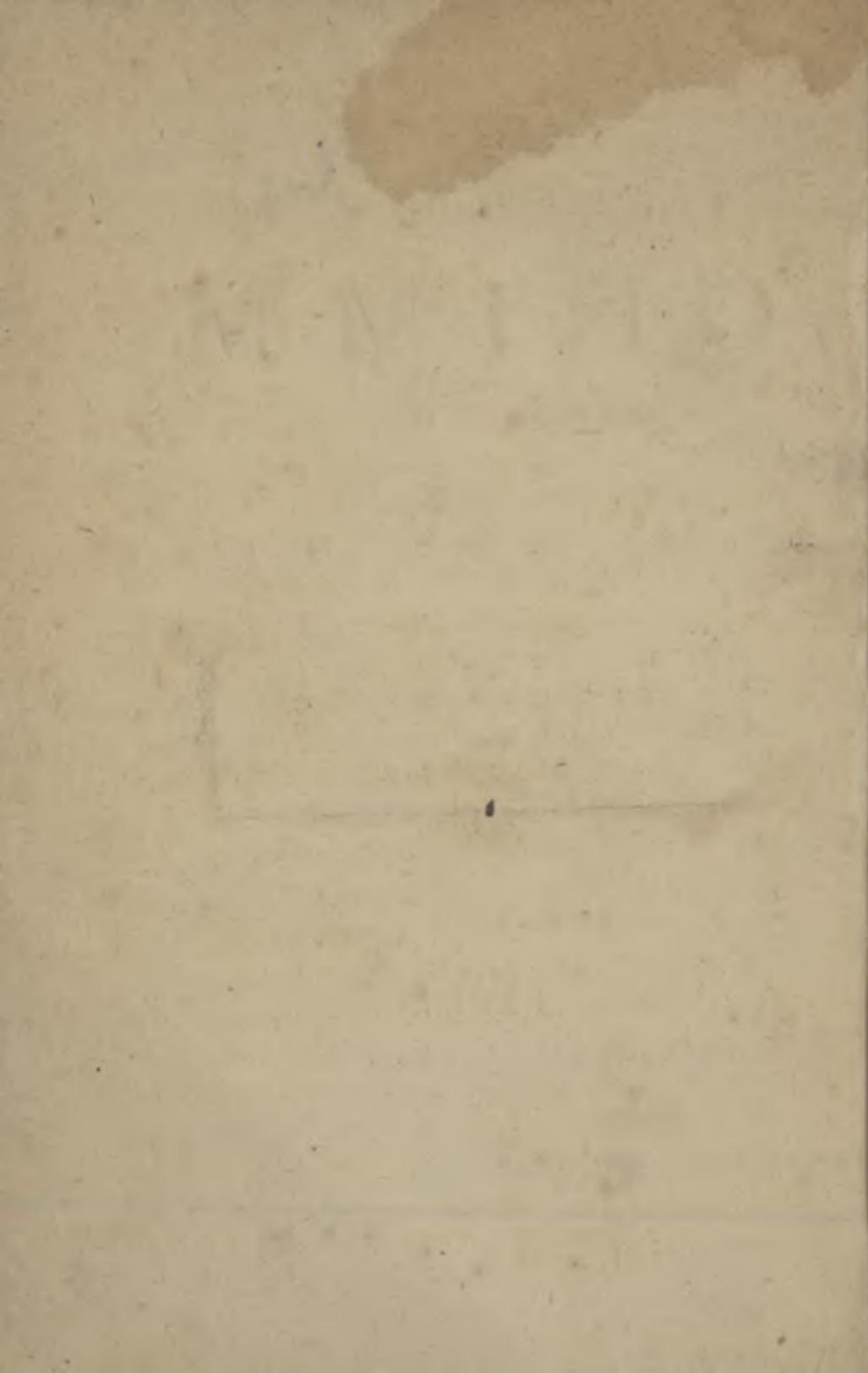
L DE

GRIMM

16634  
I

PREFACIO  
OS SEIS COMPANHEIROS QUE  
LEVAM TUDO A CABO  
A RAINHA DAS ABELHAS

PARIS  
IMPRIMERIE TOLMER ET C<sup>ie</sup>  
3, RUE MADAME, 3  
1883  
Editado por Salomon Saragga



## PREFACIO DO EDITOR

---

Dois homens eminentes da Allemanha, Thiago Luiz Grimm e Guilherme Carlos Grimm, celebres pelos seus trabalhos eruditos acerca da *Poesia Allemã da Idade Media* e pelo seu *Diccionario da Lingoa Allemã*, tiveram o cuidado de reunir com o maior escrupulo os contos, lendas, facecias e apologos que a tradição havia transmittido oralmente de geração em geração nos campos da Allemanha desde a idade média.

Se os irmãos Grimm compondo esta collecção só tiveram em vista um trabalho de erudição, nem por isso deixaram de fazer um livro encantador e que não serve unicamente para divertir as creanças. É porque a litteratura lendaria tem méritos que lhe são peculiares. É expontanea e ingenua, exempta quasi de artificios. Os authores são desconhecidos, os collaboradores anonymos. São obras saidas da consciencia d'um povo no que ella tem de mais delicado. Os bons sentimentos triumpham aqui sempre, só as travessuras é que ás vezes ficam

impunes. Depois, vê-se sempre n'estes contos, como feição dominante, o amor da familia, a doçura para com os animaes, tudo contado n'aquelle estylo d'um vago encantador, que não tem referencia a nenhum logar nem a nenhuma época, fluctuando entre o céu e a terra. Esse vago, porém, sem nada perder do seu encanto, com a continuada e mysteriosa collaboração anonyma, e á força de correcções e aperfeiçoamento do que já era bom, adquirio contornos cada vez mais accentuados, até chegar a uma formula determinada e fixa. A tradição n'este caso servio de crivo, abandonando o que era insignificante e conservando unicamente o que lhe parecia attrahente, ou que podesse despertar por uma razão qualquer a attenção do auditorio. D'esta fórmula a arte d'estes narradores anonymos approxima-se muito da arte esmerada dos melhores mestres.

O dom de contar bem historias não pertence exactamente aos mais perspicazes, porém sim ás pessoas a quem ellas mais impressionam, sobretudo se possuem uma memoria feliz. É nas mulheres do campo que com frequencia se encontra essa aptidão. No prefacio do seu livro de contos, os irmãos Grimm descrevem um d'esses typos notaveis :

« Tivémos a fortuna de conhecer, na aldeia de Niederzwehrn, perto de Cassell, uma camponeza a

quem devemos os mais bellos contos do nosso segundo volume. Era ella casada com um pequeno creador de gado ; era ainda forte e não poderia ter mais de cincoenta annos. As suas feições eram regulares e accentuadas, com uma expressão agradavel e intelligente ; tinha uns olhos grandes e muito vivos. Sabia perfeitamente de cór todas as antigas lendas, dizendo que nem todos tinham essa faculdade e que muitas pessoas não eram capazes de as conservar na memoria. Contava-as pausadamente, sem hesitar, com uma animação extraordinaria ; via-se que tinha n'isso immenso gosto ; quando lh'o pediam, repetia as narrações muito devagar, para que as podessem ir escrevendo á medida que ella dictava. Varios contos nossos foram assim conservados palavra por palavra. Os que crêem que as tradições depressa se perdem, e que o descuido que ha em transmittil-as impede que ellas jamais tenham uma longa duração, ficariam bem desenganados se tivessem ouvido a nossa narradora, e vissem como ella empregava sempre os mesmos termos e como cuidava em ser exacta ; nunca, ao repetir um conto ella o alterava no que quer que fôsse, e se lhe escapava uma variante, voltava logo atraz e emendava. Os homens que vivem toda a sua vida da mesma maneira apegam-se mais á tradição do que nós, que mudâmos continuamente, somos capazes de imaginar. »

A publicação d'esta serie de contos a que os illustres irmãos Grimm prestaram o influxo do seu poderoso patrocínio teve um exito extraordinario na Allemanha primeiro, depois, com successivas traducções, em todos os paizes da Europa. Na Inglaterra especialmente contam-se numerosas e bellissimas edições dos contos de Grimm. Em França ha tambem não poucas. A Hollanda tem varias, e em Copenhagen é já subido o numero de edições que ali se tem publicado na lingua dinamarqueza. Da Hespanha temos uma á vista, publicada ultimamente. Em Portugal não nos consta que haja alguma. Foi o que nos determinou a publicarmos a presente edição. A collecção constará de varios livrinhos dos quaes é este o primeiro.

---

OS

# SEIS COMPANHEIROS

QUE LEVAM TUDO A CABO

---

Era uma vez um homem que tinha muita habilidade para todos os officios; sentou praça e portou-se no serviço como um valente; mas acabada a guerra, deram-lhe baixa e trez tostões para gastar no caminho e voltar á terra. Como não ficasse muito contente com tudo isto, jurou lá comsigo que se fôsse capaz de encontrar companheiros, havia de obrigar o rei a dar-lhe todos os thesouros do seu reino.

Muito zangado foi andando para a floresta, e quando lá chegou vio um homem, que aca-

bava de arrancar seis arvores grandes com a mão, como se fôsem raminhos de herva. Perguntou-lhe:



- Queres vir comigo e ser meu criado?
- Pois sim, disse o outro; mas primeiro preciso levar a minha mãe este mólhosito de lenha.

E tomando uma das arvores, atou-a ás outras cinco, pôz o mólho ás costas e foi andando com elle. Veio depois ter com o seu novo amo, que lhe disse:



— Nós dois juntos havemos de levar tudo a cabo.

Mais adeante encontraram um caçador de joelhos a fazer pontaria com a espingarda. O soldado perguntou-lhe:

— Para onde estás tu a apontar?

O outro respondeu-lhe:

— É uma mosca que está pousada a duas leguas d'aqui em cima do ramo d'um carvalho: quero ver se lhe acerto com o chumbo no olho esquerdo.



— Vem comigo, disse-lhe o soldado; nós três juntos temos de levar tudo a cabo.

O caçador foi com elles e encontraram sete moinhos de vento com as vellas a girar com muita rapidez: no entanto não se sentia sopro algum de vento da direita nem da esquerda e nenhuma folha mechia. O soldado disse:

— Não sei como é que estes moinhos podem andar; não faz vento nenhum.

Duas leguas mais adiante viram um homem em cima d'uma arvore; tinha o nariz tapado d'um lado e com o outro soprava.

— Que diabo estás tu a soprar ahi em cima? perguntou-lhe o soldado.

— A duas leguas d'aqui, respondeu o outro, ha sete moinhos de vento; como vê, estou a soprar para os fazer andar á roda.

— Vem comigo, disse o soldado; nós quatro juntos havemos de levar tudo a cabo,

O homem do assopro desceu da arvore e foi com elles. D'alli a pedaço, viram um homem que se sustinha em cima d'uma perna só; havia despregado a outra e tinha-a no chão ao lado.

— Aqui está um homem, disse o soldado, que com certeza tem vontade de descansar.

— Sou andarilho, respondeu o outro, e para não correr demais, despreguei uma das pernas; quando ando com ambas, passo andeante das andorinhas.

— Vem comigo, disse o soldado; nós cinco juntos havemos de levar tudo a cabo.

Foi com elles, e logo depois, encontraram



um homem que tinha um chapelito posto á banda, mesmo em cima da orelha. O soldado disse-lhe:

— Ha-de-me desculpar que lhe diga, mas

era melhor que endireitasse o chapeo, porque assim parece-se com uma cabeça de palhaço.

— Não tenha medo que eu faça semelhante



coisa, disse o outro; quando ponho o chapeo direito, vem um frio tão grande que os passaros gelam no ar e caem mortos no chão.

— Então, vem comigo, disse o soldado;

nós seis juntos havemos de levar tudo a cabo.

Foram por alli fóra os seis e entraram n'uma cidade em que o rei tinha mandado apregoar que, quem quizesse apostar com a sua filha a qual correria mais, casaria com ella se ganhasse, mas teria a cabeça cortada se perdesse. O soldado apresentou-se e perguntou se podia dar um homem em seu lugar. — Não ha duvida, respondeu o rei; mas tanto a sua vida como a tua ficarão de penhor, e se perder, corta-se a cabeça a ambos.

Combinada assim a coisa, deu ordem o soldado ao andarilho para que enganchasse a outra perna, e que entrasse logo a correr, fazendo toda a diligencia para ganhar a aposta. Determinou-se que ganharia quem primeiro trouxesse agua d'uma fonte que ficava muito longe d'ali.

O andarilho e a filha do rei receberam cada qual o seu cantaro e partiram ao mesmo tempo; mas ainda mal a princeza havia dado os primeiros passos, e já elle se não via

que parecia levado pelo vento. Breve chegou á fonte, encheu o cantaro e voltou para traz. Mas no meio do caminho sentio-se cansado, pôz o cantaro no chão, e deitou-se a dormir um bocadito; mas teve o cuidado de pôr debaixo da cabeça uma caveira de cavallo que por alli achou, para com a dureza do travesseiro não poder dormir muito tempo.

No emtanto a princeza que corria tão bem como o póde fazer uma pessoa que corre naturalmente, chegára á fonte, e tinha-se apressado a voltar depois de haver enchido o cantaro. Deu com o andarilho a dormir.

— Bom, disse ella comsigo muito contente, tenho o inimigo nas minhas mãos.

Vasou o cantaro do dorminhoco e continuou no seu caminho.

Estava tudo perdido, se por felicidade o caçador, empoleirado no alto do castello, não tivesse visto esta scena com os seu olhos penetrantes.

— Nada, disse elle comsigo, não convem que a princeza leve a melhor.

E com um tiro de espingarda, quebrou, debaixo da cabeça do andarilho, e sem lhe fazer mal nenhum, a caveira do cavallo que lhe servia de travesseiro. O outro, acordando sobresaltado, vio logo que o cantaro estava vasio e que a princeza havia tomado uma grande deanteira. Sem perder o animo, voltou á fonte, encheu outra vez o cantaro e chegou ainda ao fim da carreira dez minutos antes da princeza.

— Por fim de contas, disse elle, tive deveras que dar á perna; em comparação tudo o que fiz até agora não se chama correr.

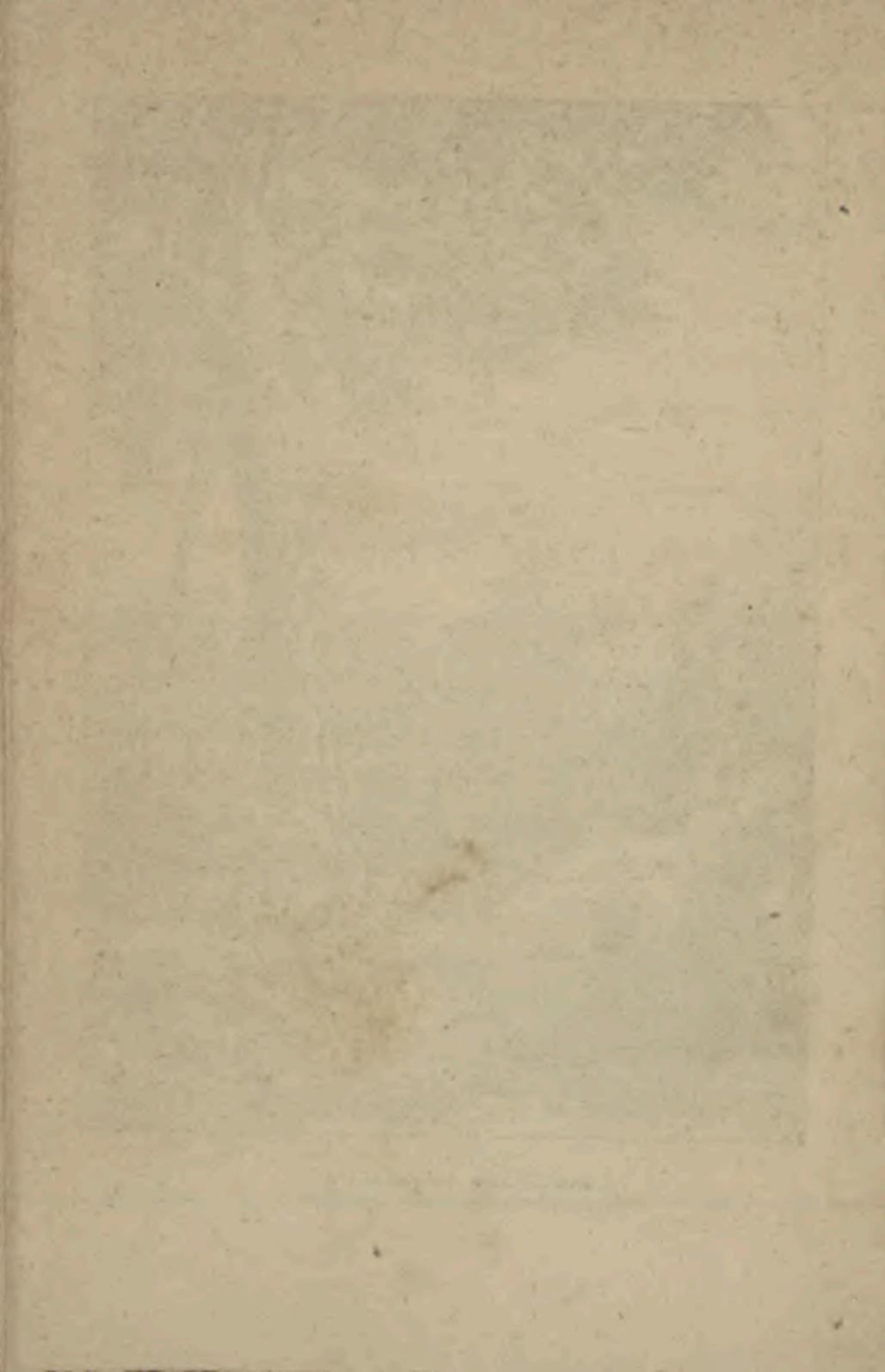
Mas o rei e a filha estavam furiosos por verem que o vencedor era um soldado razo com baixa; resolveram dar cabo d'elle e de todos os seus camaradas. O rei disse então á filha :

— Já achei um meio : não tenhas receio, que d'esta não escapam elles.

Depois, com o pretexto de lhes dar um banquete, fêl-os entrar para um quarto com



ACORDANDO SOBRESALTADO



o soalho de ferro, as portas de ferro e as janellas de ferro.

No meio da casa havia uma meza guarne-cida com riquissimas iguarias.

— Entrem disse-lhes o rei, e regalem-se á vontade.

E quando os vio lá dentro, mandou fechar e aferrolhar todas as portas por fóra. Depois deu ordem ao cosinheiro para accender lume debaixo do quarto, até que o soalho de ferro estivesse todo em braza. A ordem foi execu-tada, e os seis camaradas que estavam á meza começaram a sentir calor; ao principio cuidaram que era por estarem a comer muito depressa; mas como o calor augmentasse cada vez mais, quizeram sair e perceberam então que as portas e as janellas estavam fechadas e que o rei quizera pregar-lhes uma péça.

— Deixa que não leva a sua ávante, disse o homem do chapelito, que eu vou fazer com que venha um frio tão grande que o lume não terá remedio senão recuar.

Pôz então o chapéo muito direitinho na cabeça, e veio um frio tão grande que o calor foi-se todo e a comida que estava em cima da meza gelou.

Passadas duas horas, o rei, convencido de que já estavam assados, mandou abrir as portas e veio em pessoa ver o que era feito d'elles.

Achou-os a todos os seis muito contentes, e a dizerem que estimavam muito poder sair para irem aquecer-se, porque n'aquella casa fazia tanto frio que até os pratos que estavam em cima da meza tinham gelado. O rei, muito zangado, foi ter com o cozinheiro e perguntou-lhe porque não havia executado as suas ordens. Mas o cozinheiro respondeu-lhe.

— Aqueci até pôr em braza, faça favor de ir ver com os seus olhos.

O rei vio com effeito que o lume que se tinha feito debaixo da casa era muito forte, mas que aos seis camaradas não lhes fizera mal nenhum.

O rei, que o que queria era ver-se livre d'aquella gente importuna, mandou chamar o soldado e disse-lhe :

— Se quizeres ceder dos teus direitos á mão de minha filha, dar-te-hei o oiro que quizeres.

— Aceito de boa vontade, senhor, respondeu o soldado; basta só que me dê o oiro que um dos meus criados puder carregar, e eu cedo a mão da princeza.

O rei ficou contentissimo; o soldado disse-lhe que viria buscar o oiro dentro de quinze dias. Entrementes, mandou chamar á pressa todos os alfayates do reino e contractou-os por quinze dias para lhe coserem um sacco. Quando o sacco ficou prompto, o valentão da companhia, aquelle que arrancava as arvores com a mão, pôl-o ás costas e apresentou-se no palacio. O rei perguntou quem era aquelle rapagão tão forte, capaz de trazer ás costas um fardo de panno do tamanho d'uma casa, e quando lh'o disseram, assustou-se por pensar no oiro que caberia lá dentro. Mandou

vir um tonnel que seis homens dos mais fortes mal podiam rolar; mas o valentão agarrou-lhe com uma mão e deitando-o no sacco, queixou-se de lhe haverem trazido tão pouco, e que não havia sequer para encher o fundo.

Mandou o rei trazer successivamente todo o seu thesouro, que foi passando para o sacco, sem encher nem ao menos a metade.

— Tragam mais, gritava o valentão : duas migalhas não bastam para fartar um homem.

Trouxeram mais sete centos carros carregados de oiro de todas as partes do reino, que elle metteu no sacco com bois e tudo.

— O melhor, disse elle, é deitar a mão a tudo o que puder apanhar e ir mettendo para o sacco para ver se assim o posso encher.

Quando já lá estava tudo, ainda havia logar para mais, mas disse;

— É preciso pôr um termo a isto, póde-se muito bem fechar um sacco sem que esteja cheio.

Dito isto pôl-o ás costas e foi ter com os companheiros.

O rei, vendo que um homem só lhe levava assim todas as riquezas da sua terra, ficou furioso e mandou montar a cavallo toda a cavallaria com ordem de correr atraz dos seis companheiros e de lhes tirar o sacco. Pouco depois fôram alcançados por dois regimentos que lhes disseram:

— Estão presos, entreguem o sacco e o oiro, ou morrem immediatamnte.

— Que é lá isso? respondeu o que asso-prava, estamos presos? Espera que antes hão de todos bailar no ar.

E tapando uma das ventas pôz-se a soprar com a outra sobre os dois regimentos, de modo que os espalhou para um lado e para o outro pelo ar, por cima de montes e valles. Um velho sargento-mór pedio-lhe misericordia, allegando que tinha nove cicatrizes, e que um valente como elle não merecia ser tratado d'uma maneira tão vergonhosa. O homem do assopro parou um instante, e o

sargento caíu ao chão sem se ferir, mas o outro disse-lhe:

— Vae ter com o teu rei e dize-lhe que ainda que tivesse mandado mais gente contra nós, eu era capaz de os fazer dansar todos no ar.

Quando o rei soube do caso, disse:

— Deixem-os ir; aquelles tratantes são feiticeiros.

Os seis companheiros levaram assim aquella riqueza toda, repartiram-na entre si e viveram felizes até ao fim dos seus dias.



## A RAINHA DAS ABELHAS

---

Era uma vez um rei que tinha dois filhos, os quaes fôram correr aventuras, mettendo-se a fazer tantas loucuras e extravagancias que por fim não voltaram á casa paterna. O irmão mais novo, a quem chamavam o patetinha, foi á procura d'elles ; mas, quando os encontrou, começaram a zombar d'elle, perguntando-lhe como era que, sendo tão simplorio, tinha a pretensão de se governar bem pelo mundo, quando elles, que eram mais espertos se tinham perdido.

Como fôsem andando pelo caminho fóra juntos, encontraram um formigueiro. Os dois mais velhos quizeram remechêl-o para

se divertirem com a inquietação das formigas a correrem para todos os lados levando consigo os ovos; mas o patetinha disse-lhes :

— Deixem em paz esses animaes, não consinto que lhes façam mal.

Mais para deante acharam um lago em que andavam a nadar muitos patos. Os dois mais velhos quizeram apanhar um casal para mandar assar; mas o mais novo oppôz-se dizendo :

— Deixem em paz esses animaes; não consinto que os matem.

Mais para deante foram dar com uma arvore onde havia um enxame de abelhas com uma colmeia tão cheia de mel que até corria pelo tronco abaixo. Os dois mais velhos quizeram fazer fogo debaixo da arvore para defumarem as abelhas e ficarem com o mel. Mas o patetinha não deixou e disse-lhes :

— Deixem em paz esses animaes; não consinto que os queimem.



NO MEIO DA PORTA HAVIA UM POSTIGO



Por fim os trez irmãos chegaram a um castello que tinha as cavallariças cheias de cavallo transformados em pedra; não havia lá alma viva. Atravessaram todas as sallas e chegaram no fundo a uma porta fechada com trez fechaduras. No meio da porta havia um postigo que dava para uma salla grande. N'essa salla estava um homemsinho de cabellos grisalhos, sentado a uma meza. Chamaram por elle a primeira e a segunda vez sem que elle dêsse accordo de si; á terceira, levantou-se, abriu a porta e foi andando adeante d'elles; depois, sem dizer uma só palavra, levou-os a uma meza onde havia muitos manjares ricos, e quando acabaram de comer e de beber, conduzio cada um d'elles a um quarto de dormir separado.

No dia seguinte pela manhã, o velhito veio ter com o mais velho dos irmãos, fez-lhe signal para que fôsse com elle e levou-o ao pé d'uma meza de pedra, em cima da qual estavam escriptas as trez provas que precisão executar para desencantar o

castello. A primeira era procurar no musgo, no meio dos bosques, as mil perolas da princeza que por lá andavam semeadas; e se quem as procurasse não as encontrasse todas antes do pôr do sol, sem faltar uma só, ficava convertido em pedra. O mais velho passou o dia todo a procurar as perolas; mas, quando chegou á noite não havia encontrado mais de cem, e foi convertido em pedra, como estava escripto em cima da meza. No dia seguinte o segundo irmão tambem experimentou; mas não foi mais bem succedido do que o mais velho: não achou mais de duzenta perolas e ficou convertido em pedra.

Por fim chegou a vez do patetinha. Entrou a procurar as perolas no musgo. Como fôsse um trabalho muito difficultoso e comprido, sentou-se em cima d'uma pedra e pôz-se a chorar. Estava n'isto quando o rei das formigas, a quem elle tinha salvo a vida, chegou com cinco mil dos seus subditos, e n'um instante aquelles animaesinhos acharam as perolas e as juntaram n'um mo

A segunda prova consistia em pescar a chave do quarto de cama da princeza, que estava no fundo do lago. Logo que elle se approximou, os patos que elle tinha salvo vieram te com elle, mergulharam até ao fundo e trouxeram-lhe a chave.

Mas a terceira prova era a mais difficil: era preciso saber qual das trez princezas que estavam adormecidas era a mais nova e a mais bonita. Pareciam-se muito umas com as outras; a unica coisa que as differenciava era que antes de adormecerem, a mais velha tinha comido um bocado de assucar, a segundo tinha bebido um gole de charope, e a terceira havia tomado uma colher de mel. Mas a rainha das abelhas que o patetinha tinha salvo do fogo veio em seu socorro. Foi cheirar a boca das trez princezas, e ficou pousada em cima dos labios d'aquella que tinha comido mel. Isso fez com que o principe a differenciasse. O encanto ficasse assim destruido, o saio do seu somno magico, e todos

os que estavam transformados em pedra voltaram á forma humana. O que passava por pateta casou com a mais nova e a mais bonita das princezas, ficou sendo rei depois da morte do pae, e os dois irmãos casaram com as outras duas irmãs.

